

CELEBRAÇÕES LITÚRGICAS PARA O CRISTÃO DE HOJE

I – A SITUAÇÃO QUE TEMOS

1. ASPECTOS POSITIVOS DA REFORMA LITÚRGICA

1.1 – Na Eucaristia

* O elemento positivo mais marcante da situação actual da Eucaristia é, sem dúvida a maior comunicabilidade entre o celebrante e o povo, nomeadamente pela relação “voltado para o povo”; também importante a valorização do Altar em si mesmo e não apenas pela presença do sacrário que agora pode estar noutra sítio; a Eucaristia é centrada na pessoa de Cristo, notando-se maior equilíbrio no desenvolvimento dos ritos.

* A valorização e presença dos diferentes ministérios, a participação mais frequente e numerosa na comunhão e a valorização do canto como elemento essencial à liturgia e não apenas de solenidade, sendo aberto à participação de todos.

* A valorização da Liturgia da Palavra, facto que pressupõe uma maior compreensão dos textos bíblicos; a homilia está mais próxima dos textos lidos.

* A valorização da comunhão sacramental, integrada no contexto da celebração eucarística, marcando um lugar central e não um lugar de conclusão ou mesmo passar para fora da celebração;

* A valorização das concelebrações que não apenas dá um sinal de unidade do presbitério, mas também evita a proliferação de celebrações que distraem em vez de concentrar as pessoas nas mesmas;

1.2 – Nos outros Sacramentos

* Se é um facto que a vivência dos sacramentos em geral e a sua preparação levaram um grande incremento com a reforma conciliar, foi sem dúvida o da **Unção dos Enfermos** que mais sentiu a reforma, pela naturalidade com que agora é recebido mesmo em celebrações comunitárias.

* A celebração preferencial do **Batismo** dentro da celebração eucarística comunitária é também um valor, como é um valor a preparação do mesmo por parte dos pais e padrinhos; importante nomeadamente ter-se recuperado a participação da mãe no rito do Batismo.

* O sacramento da **Reconciliação** é visto com mais dignidade e mais “próximo do penitente” com a valorização do “face a face” e a dignificação dos locais em que se realiza.

* O sacramento da **Confirmação** aparece numa ligação maior com os compromissos da idade juvenil.

2. Algumas dificuldades ainda existentes

* Existe ainda alguma relutância por parte de pessoas mais velhas em aceitar inovações como a “comunhão na mão”, ao mesmo tempo que a linguagem do “ouvir missa” e “pagar a missa” se mantêm, o que até se justifica pelo facto de o primeiro Mandamento da Igreja

dizer "ouvir missa inteira" ou mesmo o facto de mantermos a prática de "deixar dinheiro para missas" em testamento, desencarnando a missa da sua participação.

* Apesar de se ter mudado muito, mantém-se em muitos casos o hábito de rezar o terço durante a celebração da Eucaristia.

* Ainda há os que procuram "missas rápidas" ou "quanto mais corridinha melhor", como há os sacerdotes que se limitam a ir "dar o recado"; há aqueles que pensam "fomos educados assim e assim continuamos até aos fim da vida", pelo que a participação litúrgica é mera formalidade de "calendário"; há aqueles que pensam que "o que sabemos já chega".

* Alguns dos presentes na Eucaristia estão mais atentos ao que se passa fora da porta do que ao que se passa dentro; ficam do lado de fora ou à porta da igreja, alguns até "controlando, ao segundo, a duração das homilias e das celebrações"; outros estão atentos à talha dos altares e às flores, às figuras dos santos ou mesmo à figura das outras pessoas. Muito disto acontece também por culpa de sacerdotes que também estão pouco preocupados com a renovação e a formação própria, pelo que não poderão formar os outros; há "gente de missa" mas sem qualquer outro tipo de compromisso com a Igreja.

* Há sacerdotes demasiado ocupados com outras coisas, reservando as obrigações do estado sacerdotal para "momentos de intervalo" e então, quando querem fazer algo, "caem no descabido, no mau gosto e no erro"; isto leva a que algumas eucaristias não passem de uma "leitura corrida do Ordinário da Missa", sem reflexão nem partilha da Palavra; "inventa-se para ser diferente e moderno e cai-se na "missa-festa" ou na "missa-espectáculo" e com este "show" litúrgico nem se consegue motivar nem cativar; nas homilias "há coisas que se repetem enquanto outras ficam por dizer".

* Há uma perda da dimensão do simbólico e a mensagem transmitida torna-se pobre perante a sociedade de hoje o que faz com que as pessoas se sintam desmotivadas para a vida litúrgica.

* Temos nas Eucaristias uma "população envelhecida" e "resignada e tradicional" pelo que o alheamento de uns "pesa mais que a participação activa de outros"; por isso mesmo não admira que continue a "separação das pessoas por sexos" na igreja, que continue o uso do véu e mesmo o hábito de abandonar a igreja logo após a comunhão.

* Há mais a preocupação em "cumprir o dever" que "manifestar a minha fé" e ver a Eucaristia como "fonte e centro de toda a vida cristã"; há ainda os que participam por uma questão social, por tradição ou por devoção. Por isso mesmo encontramos da parte de muitos uma atitude bastante passiva e, mesmo que seja difícil avaliar a vivência interior de cada um, parece-nos que nem sempre a atitude exterior corresponde a uma atitude de consciente participação interior nas celebrações. Para além de um certo escrúpulo e medo de serem apontados pelos outros, é a devoção aos Santos, mesmo a alguns ainda não canonizados, e a Nossa Senhora bem como a relação com os defuntos que leva muitas pessoas a participar na Eucaristia; há os que vão ainda por "ser obrigatório" ou "porque a consciência manda despachar a obrigação"; a devoção aos santos ultrapassa a veneração e o respeito bem como a prioridade que haveria de existir para o Santíssimo Sacramento na forma como se entra na igreja. Apesar de tudo "as festas da catequese são hoje uma forma de levar as pessoas a participar, mesmo as que habitualmente não o fazem" e, de qualquer forma, há uma maioria de pessoas que pensa que "sem missa não há domingo"

* As celebrações "pluri-intencionais" parecem ser, às vezes, criadoras de "leveza e de vulgaridade, levando ao pecado de se estar a negociar com as coisas sagradas".

3. Elementos de mudança e participação

* A mudança de mentalidades ao nível da participação nos diversos ministérios nota-se pela existência de mais pessoas que colaboram com os párocos na preparação e realização das celebrações, na existência de movimentos de leigos; a relação do canto com o resto da celebração; a valorização dos ministérios laicais, particularmente os leitores e acólitos, bem como outras formas de participação como o ofertório são valores que se têm cultivado.

* Há uma maior participação na “escuta das leituras e da homilia” bem como na relação destas com a vida das pessoas; a Eucaristia deixa de ser uma celebração particular para ser uma celebração em que todos se encontram comprometidos.

* A recepção ao Celebrante, de pé, é um dos exemplos da fidelidade ao sentido dos ritos; nota-se uma melhor relação de equilíbrio entre as diferentes partes da liturgia numa perspectiva de “levar Cristo para as nossas vidas”; a recepção da comunhão na mão confere um pouco mais de realismo ao acto de comungar, pois Cristo também entregou o pão e o vinho aos discípulos.

* A dignidade com que muitos sacerdotes presidem às celebrações; o esforço de muitos pastores na preparação das homilias bem como o apoio às equipas de acólitos; a existência de “escalas de serviços” para a distribuição de tarefas pelos diversos ministérios é uma prática que parece dar resultado em algumas paróquias; a valorização e participação nos encontros de formação litúrgica.

* A existência de encontros regulares para a preparação das celebrações como ensaios de canto, preparação das leituras, escolha dos ministros da comunhão e mesmo de uma formação litúrgica de base são outras tantas práticas positivas.

II – PRINCÍPIOS E NORMAS

1. – A liturgia como “serviço de Deus”

A comunidade primitiva dos cristãos definia-se publicamente pela reunião que celebrava a Eucaristia ou "fracção do pão", segundo a terminologia já presente no livro dos Actos dos Apóstolos: "eram assíduos ao ensinamento dos Apóstolos, à comunhão fraterna, à fracção do pão e às orações" (Act 2, 42). O próprio evangelho de S. Lucas, no relato pós-pascal do encontro de Jesus com os discípulos de Emaús, apresenta-nos a estrutura de uma reunião eucarística, ao referir a parte da palavra, correspondente à conversa de Jesus com os dois discípulos, e a "fracção do pão" depois de chegados a casa (Lc 24, 13-35). S. Justino, ainda no século I, refere que "no dia do sol, como é chamado, reúnem-se num mesmo lugar os habitantes, quer das cidades quer dos campos, e lêem-se, na medida em que o tempo o permite, ora os comentários dos Apóstolos ora os escritos dos Profetas... A seguir, pomo-nos todos de pé e elevamos as nossas preces e, como já dissemos, logo que as preces terminam apresenta-se pão, vinho e água. Então o que preside eleva, com todo o fervor, preces e acções de graças e o povo aclama: Amém"

Após alguns estudos e intervenções, timidamente iniciadas no século XIX, gerou-se já em pleno século XX um movimento de renovação litúrgica que pretendia não só ter em conta as mudanças substanciais na sociedade e na cultura, mas também restituir à assembleia e à comunidade eclesial o seu verdadeiro papel; esse movimento viria a desembocar no Concílio Vaticano II. No dia 4 de Dezembro de 1963 foi promulgada por Paulo VI a *Const. Conciliar "Sacrosanctum Concilium"*, documento fundamental do próprio Concílio e um dos mais marcantes e visíveis na vida da Igreja dos últimos tempos. Por meio desta Constituição, pretendia-se, como refere João Paulo II,

"ver na liturgia uma epifania da Igreja: ela é Igreja em oração; ao celebrar o culto divino a Igreja exprime aquilo que é: una, santa, católica e apostólica... é sobretudo na liturgia que o mistério da Igreja é anunciado, saboreado e vivido". "Propunha-se uma reforma de textos e de ritos "de tal modo que eles expressem com mais clareza as coisas santas que significam e, quanto possível, o povo cristão possa mais facilmente apreender-lhes o sentido e participar neles por meio de uma celebração plena, activa e comunitária" (*Sacrosanctum Concilium*, n. 21). Como refere João Paulo II "O que é a Liturgia, senão aquela fonte pura e perene de "água viva", da qual cada pessoa sedenta pode aquirir gratuitamente o dom de Deus?" (*Spiritus et Sponsa*, 1). Vemos, por esta definição dos objectivos da mesma constituição conciliar, que se trata de restituir ao povo o seu lugar na celebração, o que se concretizou particularmente na visualização das cerimónias, com o celebrante virado para o povo e numa revisão dos textos, a fim de que expressem com clareza as coisas santas; isto implicou a tradução vernácula dos textos da liturgia, e a reforma dos ritos de modo a torná-los mais significativos, com uma simplificação dos mesmos, reduzindo as cerimónias ao verdadeiramente essencial.

A reforma litúrgica teve como objectivo primordial a "actuosa participatio" dos fiéis, verdadeira linha mestra de toda a constituição conciliar e da reforma litúrgica que se lhe seguiu: pretendia-se uma melhor compreensão dos textos e dos ritos por parte do povo, bem como permitir uma maior participação no desenrolar e nos efeitos da mesma celebração litúrgica; pretendiam ainda estabelecer uma maior aproximação das celebrações com a realidade do mundo em que a Igreja se insere, de modo a tornar a celebração em verdadeira expressão da realidade da Igreja e do mundo em que ela se insere.

Na *Constituição "Sacrosanctum Concilium"* encontramos uma definição de liturgia onde o mistério de Deus e da Igreja se sobrepõem à questão tradicional dos ritos, das cerimónias e das

rubricas. Assim, o n.º 7 deste documento considera a liturgia como "o exercício da função sacerdotal de Cristo; nela os sinais sensíveis significam e, cada um à sua maneira, realizam a santificação do homem; nela o corpo místico de Jesus Cristo - cabeça e membros - presta a Deus o culto integral". Por um lado, nota-se, nesta definição, a presença actuante de Jesus Cristo que exerce ali a sua "função sacerdotal" através da acção dos homens e através dos sinais sensíveis que realizam o que significam; por outro lado restitui-se a liturgia ao povo de Deus, na medida em que é a totalidade do "corpo místico de Cristo" e não apenas os sacerdotes ou ministros quem oferece o culto a Deus.

Sendo a liturgia o exercício da acção sacerdotal de Jesus Cristo, Ele está ali presente de variadas formas, nomeadamente quando celebramos a Eucaristia: está presente no Pão porque o pão é o "corpo de Cristo, verdadeira, real e substancialmente presente"; está presente na Palavra porque Ele é o "Verbo de Deus encarnado"; está presente no ministro porque este actua "na pessoa de Jesus Cristo"; está presente na assembleia porque Ele disse que "onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome eu estarei no meio deles" (Mt 18, 20).

2. A participação litúrgica

A "participação activa" é um dos objectivos da reforma litúrgica, e o fio condutor da Constituição sobre a Sagrada Liturgia. Esta expressão perpassa todo o documento, sendo referida particularmente nos números 11, 14, 30, 31 e 48. A liturgia faz-se "propter homines", por nós homens e para nossa salvação, tem em conta a pessoa humana, a assembleia celebrante com as suas características particulares, com suas alegrias e esperanças, suas tristezas e angústias. Cada sacramento é uma realidade em que Deus se adapta à condição

humana, dando-lhe a sua graça do modo mais conveniente (S. Tomás de Aquino). Deus adapta-se assim aos homens e "não vende os seus dons a qualquer preço".

Uma primeira forma de participação na liturgia consiste em tomar consciência do mistério celebrado, tentar compreender o significado das palavras, dos gestos, dos sinais, e mesmo da celebração em comunidade; saborear interiormente a palavra, a oração e o canto e deixar-se mesmo invadir pelo mistério e pelo incompreensível. Uma segunda forma de participação é uma participação exterior, através de respostas, aclamações, atitudes, gestos e cânticos ou como diz a *Sacrosanctum Concilium* no n. 14: "é desejo ardente da mãe Igreja que todos os fiéis cheguem àquela plena, consciente e activa participação nas celebrações litúrgicas que a própria natureza da liturgia exige e que é, por força do Baptismo, um direito e um dever do povo cristão". É na participação litúrgica que se exerce verdadeiramente o "sacerdócio comum dos fiéis" que não se confunde com o sacerdócio ministerial daqueles que são especificamente chamados por Deus para oferecer o sacrifício como delegados de Jesus Cristo, mas é um sacerdócio "para oferecer sacrifícios no altar da sua alma com a fé inflamada pela caridade, imolando a Deus vítimas espirituais entre as quais se devem contar as acções boas e honestas que se referem à glória de Deus".

O mesmo tema e alguns problemas decorrentes é abordado agora pela *Instrução "Sacramento da Redenção"*, em termos já apontados no *Caderno de reflexão sinodal*: "Na escolha dos cantos, das melodias, das orações e das leituras bíblicas, na homilia a fazer, na composição da oração dos fiéis, nas monições a proferir e no modo de ornamentar a igreja de acordo com os vários tempos, existe uma ampla possibilidade de introduzir em cada celebração uma certa variedade que contribua para tornar ainda mais evidente a riqueza da tradição litúrgica e para conferir cuidadosamente uma conotação particular à celebração, tendo em conta as exigências pastorais, de

modo a favorecer a interioridade dos participantes. No entanto, é bom recordar que a eficácia das acções litúrgicas não reside na modificação frequente dos ritos, mas no aprofundamento da Palavra de Deus e do mistério celebrado (n. 39), para continuar logo de seguida: "Todavia, embora a celebração da Liturgia possua indubitavelmente esta nota da actividade de todos os fiéis, daí não se segue, como por dedução lógica, que todos devam materialmente realizar algo para além dos gestos previstos e das atitudes do corpo, como se cada um devesse necessariamente realizar uma tarefa litúrgica específica. Esforce-se a formação catequética por corrigir cuidadosamente as noções e hábitos superficiais que nesta matéria se têm difundido aqui e ali nos últimos anos e faça despertar sempre nos fiéis um renovado sentido de grande admiração perante a profundidade do mistério de fé que é a Eucaristia, em cuja celebração a Igreja continuamente passa do velho ao novo (n. 40).

3. A concretização da Reforma Litúrgica: avaliação e desafios

3.1 – A centralidade da Eucaristia

A execução da reforma litúrgica tem sido objecto de algumas reflexões ao longo dos seus quarenta anos e de algumas tentativas de avaliação onde poderemos salientar a *Carta Apostólica "Vicesimus Quintus Annus"* de João Paulo II, em 1989, traduzida entre nós por *Viver a Liturgia*; a esta podemos acrescentar algumas intervenções pontuais do mesmo Papa, nomeadamente por ocasião do Jubileu; já depois de iniciados os trabalhos de reflexão deste Sínodo Diocesano e nomeadamente depois da publicação do Caderno respeitante às celebrações litúrgicas, surgiram quatro importantes documentos sobre a liturgia e a música sacra. São eles: de João Paulo II, a *Encíclica "A Igreja vive da Eucaristia"* e dois documentos

comemorativos: o *Quirógrafo "Impelido por um profundo desejo"*, comemorando o centenário do *Motu Próprio "Tra le sollecitudini"*, sobre a música sacra, a *Carta Apostólica "Spiritus et Sponsa"* no quadragésimo aniversário da *Const. "Sacrosanctum Concilium"* e a *Carta Apostólica "Fica conosco, Senhor"* para o Ano Eucarístico; da Sagrada Congregação para o Culto Divino e os Sacramentos saiu a *Instrução "Sacramento da Redenção"*. Trata-se de documentos onde a doutrina conciliar é insistentemente repetida, lembrada e apresentada como referência para a liturgia de hoje, ao mesmo tempo que reflectem o resultado de quarenta anos de reforma conciliar, salientando os aspectos positivos da mesma e denunciando alguns erros aqui e além e que se devem evitar. Nesse aspecto, ganhou um relevo especial a *Instrução "Sacramento da Redenção"* que dedica o último capítulo a essa questão e com sugestivos títulos como "delitos mais graves", "abusos", "actos graves". Rigorosamente, a doutrina destes documentos mais recentes, não traz novidades significativas relativamente aos anteriores, mas vem dar-lhes uma nova força, salientá-lhes a actualidade e importância e sobretudo apresentar a sistematização de algumas situações já antes denunciadas.

A par dos incontestáveis resultados positivos e de algumas dificuldades de aplicação da reforma conciliar – que no nosso país quase não se notaram – João Paulo II apontava já na *Vicesimus quintus annus* algumas aplicações erradas como omissões, alterações, aditamentos, "ritos inventados" e "cânticos que em nada favorecem a fé e o sentido do sagrado"; casos de sacerdotes que compõem "Orações Eucarísticas" e mesmo a "substituição de textos da Sagrada Escritura por textos profanos". Na *Encíclica "A Igreja vive da Eucaristia"* dedica um capítulo ao "Decoro na celebração eucarística" onde afirma, entre outras coisas: "Foi sob o impulso das palavras e gestos de Jesus, desenvolvendo a herança ritual do judaísmo, que nasceu a *liturgia cristã*. Porventura haverá algo que

seja capaz de exprimir de forma devida o acolhimento do dom que o Esposo divino continuamente faz de Si mesmo à Igreja-Esposa, colocando ao alcance das sucessivas gerações de crentes o sacrifício que ofereceu uma vez por todas na cruz e tornando-Se alimento para todos os fiéis? Se a ideia do «banquete» inspira familiaridade, a Igreja nunca cedeu à tentação de banalizar esta «intimidade» com o seu Esposo, recordando-se que Ele é também o seu Senhor e que, embora «banquete», permanece sempre um banquete sacrificial, assinalado com o sangue derramado no Gólgota. Movida por este elevado sentido do mistério, compreende-se como a fé da Igreja no mistério eucarístico se tenha exprimido ao longo da história não só através da exigência duma atitude interior de devoção, mas também *mediante uma série de expressões exteriores*, tendentes a evocar e sublinhar a grandeza do acontecimento celebrado. Daqui nasce o percurso que levou progressivamente a delinear *um estatuto especial de regulamentação da liturgia eucarística*, no respeito pelas várias tradições eclesiais legitimamente constituídas. Sobre a mesma base, se desenvolveu *um rico património de arte*: deixando-se orientar pelo mistério cristão, a arquitectura, a escultura, a pintura, a música encontraram na Eucaristia, directa ou indirectamente, um motivo de grande inspiração. Tal é, por exemplo, o caso da arquitectura, onde as formas dos altares e dos sacrários se foram desenvolvendo no interior dos espaços litúrgicos, a *música sacra*, das melodias gregorianas aos grandes autores que se afirmaram com os textos litúrgicos, a uma enorme quantidade de *produções artísticas*, desde realizações de um bom artesanato até verdadeiras obras de arte, nos paramentos e outros objectos. (aspectos retomados depois em *Spiritus et Sponsa*, n. 4 e 5).

E continua o Papa: O «tesouro» é demasiado grande e precioso para se correr o risco de o empobrecer ou prejudicar com experimentações ou práticas introduzidas sem uma cuidadosa verificação pelas competentes autoridades eclesiásticas. Além disso, a centralidade do

mistério eucarístico requer que tal verificação seja feita em estreita relação com a Santa Sé". E mais adiante: "De quanto fica dito, compreende-se a grande responsabilidade que têm sobretudo os sacerdotes na celebração eucarística, à qual presidem *in persona Christi*, assegurando um testemunho e um serviço de comunhão não só à comunidade que participa directamente na celebração, mas também à Igreja universal, sempre mencionada na Eucaristia. Temos a lamentar, infelizmente, que sobretudo a partir dos anos da reforma litúrgica pós-conciliar, por um ambíguo sentido de criatividade e adaptação, *não faltaram abusos*, que foram motivo de sofrimento para muitos. Uma certa reacção contra o «formalismo» levou alguns, especialmente em determinadas regiões, a considerarem não obrigatórias as «formas» escolhidas pela grande tradição litúrgica da Igreja e do seu magistério e a introduzirem inovações não autorizadas e muitas vezes completamente impróprias" (n. 52).

3.2 – A liturgia e a vida de oração

Em *Spiritus et Sponsa*, João Paulo II deixa uma interrogação: "Até que ponto a Liturgia entrou na vida concreta dos fiéis e cadencia o ritmo de cada uma das comunidades? Ela é compreendida como um caminho de santidade, força interior do dinamismo apostólico e da missionariedade eclesial?"(n. 6). A celebração litúrgica alimenta a vida espiritual dos fiéis. É a partir da Liturgia que deve ser actuado o princípio que pude enunciar na Carta Apostólica *Novo millennio ineunte*: "Há necessidade de um cristianismo que se destaque principalmente pela *arte da oração*". A *Sacrosanctum Concilium* interpreta profeticamente esta urgência, estimulando a comunidade cristã a *intensificar a vida de oração* não apenas através da Liturgia, mas inclusivamente mediante os "exercícios de piedade", contanto que sejam realizados em harmonia com a Liturgia, dela derivem e

para ela conduzam". E em *Spiritus et Sponsa*, n. 14-15, diz: "Através da introdução nas várias celebrações, a pastoral litúrgica deve inculcar o *gosto pela oração*. Sem dúvida, fá-lo-á se tiver em consideração as capacidades dos fiéis, singularmente, nas suas diferentes condições de idade e de cultura; mas fá-lo-á procurando não se contentar com o "mínimo". A pedagogia da Igreja deve saber "ousar". É importante introduzir os fiéis na celebração da *Liturgia das Horas* que, "enquanto oração pública da Igreja, é fonte de piedade e alimentação da oração pessoal". Ela não é uma acção individual ou particular, mas pertence a todo o Corpo da Igreja [...] Por conseguinte, se os fiéis são convocados para a Liturgia das Horas e se reúnem em conjunto, unindo os seus corações e as suas vozes, manifestam a Igreja que celebra o mistério de Cristo. Esta atenção privilegiada à oração litúrgica não se põe em tensão com a oração pessoal mas, ao contrário, supõe-na, exige-a e está em sintonia com outras formas de oração comunitária, sobretudo se forem reconhecidas e recomendadas pela Autoridade eclesial.

3.4 – Acção pedagógica dos Pastores

Já desde a Constituição Conciliar que é salientada a importância do exemplo dos Pastores e particularmente dos Bispos e liturgia das catedrais como exemplo para a vivência litúrgica dos fiéis. Outros documentos a referem nomeadamente a *Const. "Sacrosanctum Concilium"*, n. 45-46, a *Carta Apostólica "Vicesimus quintus annus"* n. 21, citando o *Decreto "Christus Dominus"*, n. 15, a *Instr. "Sacramento da Redenção"* n. 176-177 e a *Exortação Apostólica "Pastores Gregis"*; a *Carta Apostólica "Spiritus et Sponsa"* afirma concretamente, no n. 15: "É irrenunciável na educação à oração e, de modo especial, na promoção da vida litúrgica, a *tarefa dos Pastores*. Ela implica um dever de discernimento e de orientação. Isto não deve

ser compreendido como um princípio de rigor, em contraste com a necessidade da alma cristã de se abandonar à acção do Espírito de Deus, que intercede em nós e "por nós, com gemidos inexprimíveis" (*Rom 8, 26*). Através da orientação dos Pastores realiza-se sobretudo um princípio de "garantia", previsto pelo desígnio de Deus sobre a Igreja e ele mesmo governado pela assistência do Espírito Santo. A renovação litúrgica realizada ao longo destas décadas demonstrou que é possível unir uma normativa que assegure à Liturgia a sua identidade e o seu decoro, a espaços de criatividade e de adaptação, que a aproximem das exigências expressivas das várias regiões, situações e culturas. Sem respeitar a normativa litúrgica, chega-se às vezes a *abusos até mesmo graves*, que ofuscam a verdade do mistério e criam desconcerto e tensões no meio do Povo de Deus. Estes abusos nada têm a ver com o autêntico espírito do Concílio e devem ser emendados pelos Pastores com uma atitude de determinação prudente. Mesmo no campo específico do canto litúrgico que abordaremos de seguida, o Papa refere em "*Impelido por um ardente desejo*": promova-se com especial cuidado especialmente nas catedrais e nas outras igrejas maiores, nos seminários e nas casas de formação religiosas, um coro ou uma capela musical ou ainda uma *schola cantorum*". A tarefa da *schola* não foi diminuída: ela, de facto, desenvolve na assembleia a função de guia e de sustento e, nalguns momentos da Liturgia, desempenha a sua função específica. Da boa coordenação de todos o sacerdote celebrante e o diácono, os acólitos, os ministros, os leitores, o salmista, a *schola cantorum*, os músicos, o cantor e a assembleia decorre aquele clima espiritual que torna o momento litúrgico realmente intenso, participado e frutífero (n. 8). Em "*Fica conosco, Senhor*, n. 17, o Papa assume uma linguagem mais emotiva: "Grande mistério, a Eucaristia! Mistério que deve ser, antes de mais nada, *bem celebrado*. É preciso que a Santa Missa seja colocada no centro da vida cristã e que, em cada comunidade, tudo se faça para celebrá-

la decorosamente, segundo as normas estabelecidas, com a participação do povo, valendo-se dos diversos ministros no desempenho das atribuições que lhes estão previstas, e com uma séria atenção também ao aspecto de sacralidade que deve caracterizar o canto e a *música litúrgica*. Um compromisso concreto deste *Ano da Eucaristia* poderia ser estudar a fundo, em cada comunidade paroquial, os «*prænotanda*» da *Instrução Geral do Missal Romano*”..

Consciente da importância do exemplo dos Bispos na implementação de uma liturgia digna nas suas dioceses, João Paulo II diz na *Exortação Apostólica "Pastores Gregis"*: “exorto os meus irmãos Bispos, enquanto mestres da fé e participantes do supremo sacerdócio de Cristo, a que se empenhem com todas as forças na autêntica promoção da liturgia. Esta exige que, no modo de a celebrar, se anuncie com clareza a verdade revelada, se transmita fielmente a vida divina, se exprima sem ambiguidades a genuína natureza da Igreja. Que todos estejam conscientes da importância das celebrações sagradas dos mistérios da fé católica. A verdade da fé e da vida cristã transmite-se não só através das palavras, mas também dos sinais sacramentais e do conjunto dos ritos litúrgicos. É bem conhecido um antigo axioma, a este respeito, que vincula estritamente a *lex credendi* à *lex orandi*. Deste modo, cada Bispo seja exemplar na arte de presidir, ciente de *tractare mysteria*; possua também uma profunda vida teológica, que inspire o seu comportamento no contacto com o Povo santo de Deus; seja capaz de transmitir o sentido sobrenatural das palavras, das orações e dos ritos, a fim de implicar a todos na participação dos santos mistérios. Além disso o Bispo deve, através duma promoção concreta e apropriada da pastoral litúrgica na diocese, fazer com que os ministros e o povo adquiram uma autêntica compreensão e experiência da liturgia, para permitir que os fiéis alcancem aquela

participação plena, consciente, activa e frutuosa nos santos mistérios, desejada pelo Concílio Vaticano II. Assim as celebrações litúrgicas, especialmente as presididas pelo Bispo na sua catedral, hão-de ser proclamações claras da fé da Igreja, momentos privilegiados em que o Pastor apresenta o mistério de Cristo aos fiéis e os ajuda a entrar nele progressivamente para fazerem uma consoladora experiência do mesmo e testemunhá-lo depois nas obras de caridade" (JOÃO PAULO II, *Exortação Apostólica "Pastores Gregis"*, n. 35).

3.3 – O canto litúrgico

A questão do canto litúrgico e da música sacra tem sido objecto de muitas e variadas tomadas de posição da Igreja dos últimos tempos, pelo que seria fastidiosa uma apresentação dos elementos presentes nos diferentes documentos. Apontamos apenas as referências: *Const. "Sacrosanctum Concilium"*, n. 112-121, a *Instrução pós-conciliar "Musicam Sacram"*; a *Carta Apostólica "Vicesimus quintus annus"*, a *Instr. "Sacramento da Redenção"* n. 39, para não falarmos na *Introdução Geral ao Missal Romano*, e o mais recente, o *Quirógrafo "Impelido por um profundo desejo"* de João Paulo II. Dedicado exclusivamente à música litúrgica, este documento retoma a linguagem do "decoro da celebração eucarística" já referenciada na *Encíclica "A Igreja vive da Eucaristia"* exactamente no início do documento: "Impelido por um profundo desejo de manter e de promover o decoro da Casa de Deus", o meu Predecessor São Pio X emanava, há cem anos, o Motu proprio *Tra le sollecitudini*, que tinha como objecto a renovação da música sacra nas funções do culto. É evidente que esta doutrina vem a ser retomada nos documentos posteriores, nomeadamente na constituição conciliar como diz o Papa logo de seguida (nn. 1-3) continuar deste modo: "desejo repropor alguns princípios fundamentais para este importante sector da vida

da Igreja, com a intenção de fazer com que a música sacra corresponda cada vez mais à sua função específica"; "a música destinada aos sagrados ritos deve ter como ponto de referência a *santidade*: ela, de facto, "será tanto mais santa quanto mais estreitamente for unida à acção litúrgica". Por este exacto motivo, "não é indistintamente tudo aquilo que está fora do templo (*profanum*) que é apto a ultrapassar-lhe os umbrais", afirmava sabiamente o meu venerável Predecessor Paulo VI. Será importante salientar que "a mesma categoria de música sacra recebeu hoje um alargamento de significado, a ponto de incluir repertórios que não podem entrar na celebração sem violar o espírito e as normas da mesma Liturgia" pelo que "nos nossos tempos é preciso considerar atentamente, como evidenciei na *Encíclica a Igreja vive da Eucaristia* que nem todas as expressões de artes figurativas e de música são capazes de "expressar adequadamente o Mistério acolhido na plenitude da fé da Igrejas" Consequentemente, nem todas as formas musicais podem ser consideradas aptas para as celebrações litúrgicas". A música litúrgica deve, de facto, responder aos seus requisitos específicos: a plena adesão aos textos que apresenta, a consonância com o tempo e o momento litúrgico para o qual é destinada, a adequada correspondência aos gestos que o rito propõe. Os vários momentos litúrgicos exigem, de facto, uma expressão musical própria, sempre apta a fazer emergir a natureza própria de um determinado rito, ora proclamando as maravilhas de Deus, ora manifestando sentimentos de louvor, de súplica ou ainda de melancolia pela experiência da dor humana, uma experiência, porém, que a fé abre à perspectiva da esperança cristã (n. 4-5). "Os cantos e as músicas exigidos pela reforma litúrgica é bom sublinhá-lo devem corresponder também às legítimas exigências de *adaptação e de inculturação*. É evidente, porém, que cada inovação nesta delicada matéria deve respeitar os critérios peculiares, como a investigação de expressões musicais, que correspondam à participação necessária de

toda a assembleia na celebração e que evitem, ao mesmo tempo, qualquer concessão à leviandade e à superficialidade. É necessário, portanto, evitar, em última análise, aquelas formas de "inculturação", em sentido elitista, que introduzem na Liturgia composições antigas ou contemporâneas que possuem talvez um valor artístico, mas que induzem a uma linguagem realmente incompreensível". E continua para usar uma expressão que se vem tornando peculiar nos comentadores e que tem em conta uma frase atribuída a Bonifácio Baroffio segundo a qual "um oratório não é um laboratório" e por isso diz o Papa: "o espaço sagrado da celebração litúrgica jamais deve tornar-se um laboratório de experiências ou de práticas de composição e de execução, introduzidas sem uma verificação atenta" (n. 6).

"O século passado, com a renovação realizada pelo Concílio Vaticano II, conheceu um desenvolvimento especial do canto popular religioso, do qual a *Sacrosanctum concilium* diz: "Promova-se com grande empenhamento o canto popular religioso, para que os fiéis possam cantar, tanto nos exercícios de piedade como nos próprios actos litúrgicos". Este canto apresenta-se particularmente apto para a participação dos fiéis, não apenas nas práticas devocionais, "segundo as normas e o que se determina nas rubricas", mas igualmente na própria Liturgia. *O canto popular, de facto, constitui um "vínculo de unidade, uma expressão alegre da comunidade orante, promove a proclamação de uma única fé e dá às grandes assembleias litúrgicas uma incomparável e recolhida solenidade"* (n. 11).

"Uma composição para a Igreja é tanto sacra e litúrgica quanto mais se aproximar, no andamento, na inspiração e no sabor, da melodia gregoriana, e tanto menos é digna do templo, quanto mais se reconhece disforme daquele modelo supremo". Não se trata, evidentemente, de copiar o canto gregoriano, mas muito mais de considerar que as novas composições sejam absorvidas pelo mesmo espírito que suscitou e, pouco a pouco, modelou aquele canto.

Somente um artista profundamente mergulhado no *sensus Ecclesiae* pode procurar compreender e traduzir em melodia a verdade do Mistério que se celebra na Liturgia. Portanto, é necessária uma renovada e mais profunda consideração dos princípios que devem estar na base da formação e da difusão de um repertório de qualidade. Somente assim se poderá permitir que a expressão musical sirva de modo apropriado a sua finalidade última, que "é a glória de Deus e a santificação dos fiéis"(n. 12). "O aspecto musical das celebrações litúrgicas, portanto, não pode ser relegado nem à improvisação nem ao arbítrio de pessoas individualmente, mas há-de ser confiado a uma direcção harmoniosa, no respeito pelas normas e as competências, como significativo fruto de uma formação litúrgica adequada".

Quanto aos instrumentos "reconhece sem hesitação a prevalência do órgão de tubos, sobre cujo uso estabelece normas oportunas" doutrina acolhida pelo Concílio Vaticano II, estabelecendo: "Tenha-se grande apreço, na Igreja latina, pelo órgão de tubos, instrumento musical tradicional e cujo som é capaz de trazer às cerimónias do culto um esplendor extraordinário e elevar poderosamente o espírito a Deus e às coisas celestes"; deve-se, porém, reconhecer que as composições actuais utilizam frequentemente modos musicais diversificados não desprovidos da sua dignidade. Na medida em que servem de ajuda para a oração da Igreja, podem revelar-se como um enriquecimento precioso. *É preciso, porém, vigiar* a fim de que os instrumentos sejam aptos para o uso sacro, correspondam à dignidade do templo, possam sustentar o canto dos fiéis e favoreçam a sua edificação".

3.4 – Liturgia e nova evangelização

Continuando com "*Spiritus et Sponsa*", diz o Papa: "Olhando para o futuro, vários são os desafios que a Liturgia é chamada a enfrentar.

Com efeito, durante estes quarenta anos a sociedade passou por profundas transformações, algumas das quais põem vigorosamente à prova o compromisso eclesial. Temos à nossa frente um mundo em que, também nas regiões de antiga tradição cristã, os sinais do Evangelho se vão atenuando. Chegou o tempo de uma *nova evangelização*. E a Liturgia é interpelada directamente por este desafio. À primeira vista, ela parece ter sido posta de lado, por uma sociedade amplamente secularizada. Contudo, é um dado de facto que, apesar da secularização, no nosso tempo sobressai de muitas formas uma renovada necessidade de espiritualidade. Como deixar de ver nisto uma prova do facto de que, no íntimo do homem, não é possível anular a sede de Deus? Existem interrogações que só encontram a resposta no contacto pessoal com Cristo. Somente na intimidade com Ele cada existência adquire o seu significado e pode chegar a experimentar a alegria que levou Pedro a dizer, no monte da Transfiguração: "Mestre, é bom ficarmos aqui!" (Lc 9, 33 par.). Diante deste anseio pelo encontro com Deus, a Liturgia oferece a resposta mais profunda e eficaz. E fá-lo especialmente na Eucaristia, na qual nos é concedido unir-nos ao sacrifício de Cristo e alimentar-nos do seu Corpo e do seu Sangue. Todavia, é necessário que os Pastores façam com que o sentido do mistério penetre nas consciências, voltando a descobrir e praticando *a arte "mistagógica"*, tão querida para os Padres da Igreja. Compete-lhes, de modo particular, promover celebrações dignas, prestando a devida atenção às diversas categorias de pessoas: crianças, jovens, adultos e portadores de deficiência. Todos devem sentir-se acolhidos no interior das nossas assembleias, de maneira a poder respirar a atmosfera da primeira comunidade crente: "Eles eram assíduos na escuta do ensinamento dos Apóstolos e na união fraterna, na fracção do pão e nas orações" (Act 2, 42). Um aspecto que é preciso cultivar com maior compromisso, no interior das nossas comunidades, é *a experiência do silêncio*. Temos necessidade dele "para acolher nos

nossos corações a plena ressonância da voz do Espírito Santo, e para unir estreitamente a oração pessoal à Palavra de Deus e à voz pública da Igreja". Numa sociedade que vive de maneira cada vez mais frenética, muitas vezes atordoada pelos ruídos e perdida no efêmero, *é vital redescobrir o valor do silêncio*. Não é por acaso que mesmo para além do culto cristão, se difundem práticas de meditação que dão importância ao recolhimento. Porque não começar, com audácia pedagógica, uma educação ao silêncio no contexto de coordenadas próprias da experiência cristã? Que esteja diante dos nossos olhos o exemplo de Jesus, que "tendo saído de casa, se retirou-se num lugar deserto para ali rezar" (Mc 1, 35). Entre os seus diversos momentos e sinais, a Liturgia não pode minimizar o silêncio.

III – SUGESTÕES E PROPOSTAS:

1. Quanto à celebração da Eucaristia

* Procure-se uma formação litúrgica no sentido da tomada de atitudes coerentes com o desenvolvimento da celebração: gestos, posturas, acompanhamento do canto, no sentido de "interiorizar aquilo que celebram" ou "tomar consciência do mistério celebrado" através dos gestos e das palavras, a fim de que os leigos sejam "celebrantes" e não meros espectadores. Há algumas dúvidas quanto ao sentido de determinados gestos e posturas durante as celebrações; estamos conscientes de que é caminhando que se aprende a caminhar; será necessária uma cultura litúrgica e uma formação permanente para se ir captando mais conscientemente a mensagem da Palavra e a vivência da celebração tanto a título pessoal como a título comunitário.

* Procure-se um "aprofundamento cada vez mais intenso da liturgia da Igreja, celebrada segundo os *livros actuais* e vivida, primeiro de tudo, como um facto de ordem espiritual".

* Serão de incentivar as celebrações de "acção de graças" por algo que corre bem como aniversários de casamentos ou de baptizados, a fim de evitar que se pense apenas nas missas de defuntos.

* Cuide-se o próprio espaço da celebração e a beleza do mesmo; haja um cuidado com a apresentação dos celebrantes, dos monitores da assembleia, leitores e acólitos; faça-se formação dos leigos no sentido de que se possa preparar a celebração sem que o sacerdote tenha de estar a fazer tudo.

* Será de promover a "procissão de entrada" nas celebrações, da mesma forma que se deverão valorizar os "momentos de silêncio" pois há uma tendência a "preencher todos os espaços com uma actividade permanente seja ela gestual musical ou palavrosa"; ao cultivar o sentido e a valorização dos "silêncios" procure-se promover a interiorização da celebração por parte da assembleia.

* Procure-se que as pessoas participem mais no canto litúrgico e que cresçam na compreensão da mensagem da Sagrada Escritura; que os cânticos em cada celebração não sejam em número exagerado para permitir a participação das pessoas, não apresentando sempre e demasiadas novidades. Isso permitirá que se possam verdadeiramente interiorizar; será importante que os cânticos e outros elementos da liturgia vão de encontro à especificidade e às expectativas das assembleias celebrantes.

* Cuide-se a formação litúrgica das pessoas intervenientes nas acções litúrgicas, "principalmente dos grupos corais juvenis";

sobressai aí, por vezes, a falta de sentido de comunidade que deveria existir nas celebrações e isto por uma grande dose de individualismo e de competitividade que ensombra também as nossas celebrações paroquiais.

* Procure-se valorizar o sentido da Eucaristia como formadora de comunidade, pelo que se deverão incentivar as pessoas a “participar” na Eucaristia na paróquia onde vivem.

* Procure-se valorizar a participação nas celebrações mais localizadas, particularmente nas capelas, tanto nas festivas como nas semanais.

* Dever-se-á continuar o trabalho de acolhimento e integração das pessoas que se encontram em “situação irregular”, nas celebrações comunitárias.

2. Quanto à celebração dos outros Sacramentos

* Procure-se que Baptismos e Casamentos estejam mais inseridos na vida e na celebração da comunidade pois as suas celebrações revelam ainda um certo individualismo; sugeríamos a celebração dos baptismos nas celebrações ligadas à catequese pois seria uma prática pedagogicamente frutuosa.

* Mesmo correndo o risco de um certo exibicionismo, pensamos que não deixa de ser estimulante, sobretudo para as crianças, um certo protagonismo nas celebrações. Por outro lado, a participação das crianças acaba também por “tocar os pais”.

3. Outras propostas:

* Propomos a criação urgente de Equipas de Acolhimento tanto nas paróquias como nas próprias celebrações a nível paroquial e diocesano, nomeadamente pela presença de novas situações derivadas dos movimentos "migratórios"; cremos que a participação consciente e activa passa pela valorização pessoal de cada um dos participantes.

* Aproveitem-se os elementos provenientes da religiosidade popular bem como a presença das pessoas por ocasião dos sacramentos para uma formação e uma maior motivação para participar

* Aproveite-se a participação das pessoas em movimentos da Igreja como espaço de formação e de evangelização; promova-se e desenvolva-se uma cultura religiosa e hábitos de formação contínua nas nossas comunidades num "permanente redescobrir dos valores do Evangelho"; a Eucaristia poderia também servir de uma certa "catequização" das pessoas presentes que seriam depois o fermento na massa perante o resto da comunidade.

* É importante que os movimentos de apostolado nas paróquias não vivam isolados uns dos outros "vivendo cada um para si" e não como movimentos para a Igreja.

* É importante que quando há pessoas da comunidade capazes de realizar as diferentes tarefas não vão buscar as de fora, para vergonha das pessoas da paróquia. Há que promover e aproveitar os valores de cada comunidade.

* Procure-se valorizar a riqueza da "piedade popular" que se vem mantendo, mesmo quando assistimos ao abandono da participação

litúrgica; foi ela que "ao longo dos séculos aguentou a fé e a vida cristã de multidões de fiéis e permanece ainda escondida em muitos deles; promovê-la, purificando-a de elementos espúrios, será uma via importante para o regresso à liturgia".

* Procure-se que as celebrações festivas das paróquias sejam espaços privilegiados de evangelização, aprofundamento na fé e vivência litúrgica, procurando-se dar o adequado fundamento teológico às devoções populares em honra de Cristo, de Maria ou dos Santos; há uma grande necessidade de "renovação das festas populares (romarias) de modo a fazer da Eucaristia o centro da mesma festa, não privilegiando factores acessórios.

* Procure-se promover uma maior dignidade nas celebrações de funerais, pois muitos cristãos têm como ponto fundamental o caminho da casa para o cemitério e não a celebração da Eucaristia.